

6

Considerações finais

Assim como em outras línguas, os textos em língua de sinais exploram os recursos lingüísticos para obter os efeitos desejados na passagem da representação que se quer demonstrar. A forma como os textos são organizados, bem como os sentidos que se abrem a partir disto, são diferentes da forma coloquial que é usada em conversas do cotidiano, ou seja, como já demonstrei anteriormente, a escrita leva o sujeito a uma forma de reflexão diferente da fala, no caso dos surdos por meio das mãos e de expressões faciais e corporais.

Felizmente há mudanças na política educacional brasileira que apontam para uma modificação na pedagogia em um futuro próximo, com a chegada de surdos à posição de tomada de decisão, rumo a uma educação apropriada. Mas enquanto a pedagogia não descobre uma maneira de adequar ou ao menos facilitar o aprendizado dos surdos, surge a Internet indicando várias possibilidades de aprendizagem, sendo uma das mais significativas a educação a distância, com a utilização de web câmeras para a comunicação visual em LIBRAS. Mas estou falando de surdos adultos estudando e estou falando de ambientes elaborados e construídos de acordo com fins específicos para determinado curso ou evento. Para todas as demais possibilidades de entretenimento, trabalho, pesquisa e informação, a Internet se impõe como um meio excludente, haja vista ser majoritariamente composta de texto escrito, e sabemos que os surdos em geral não tem letramento necessário em línguas orais-auditivas escritas para ler e entender perfeitamente o que está escrito.

Havemos de considerar que mudar a linguagem, a forma e a ergonomia das interfaces da Internet para se adequarem às especificidades lingüísticas, cognitivas, de emoção e sentimento dos surdos seria uma tarefa absolutamente utópica e fora de cogitação. Aparece, então, uma questão bastante instigante: O

que a "Pedagogia do Design" poderia propor aos cursos com alunos surdos, que utilizam a Internet como ferramenta de estudo, para que estes alunos possam se desenvolver e alcançar uma cognição, emoção e sentimentos favoráveis diante da educação e, assim, se transformarem em sujeitos de seu próprio desenvolvimento e aprendizagem, isto é, protagonistas de seu processo de integração social?

A escrita de sinais hoje em dia tem grandes possibilidades de ser desenvolvida e ensinada não só a crianças surdas, mas também a surdos adultos. Como demonstrei neste trabalho, já há inúmeras iniciativas baseadas em novas tecnologias que podem facilitar este processo. O que é preciso, a meu ver, é um investimento maciço dos educadores de surdos para promover a difusão desta forma de escrita. As oportunidades para isto existem e estão à disposição com alguma facilidade.

Estou certo de que, ao entrar em contato com uma interface totalmente imagética e escrita em Sign Writing, um aluno surdo certamente vai poder significar este meio como sendo um ambiente de língua de sinais e, a partir daí, vai experimentar todo tipo de emoções que o levarão a sentimentos positivos para uma resignificação dos estudos como algo que é possível e também prazeroso, que não é somente alcançável pelos ouvintes, mas que ele também pode conquistar pelo desejo de algo que está ao seu alcance e, neste caminho, vai desenvolver o prazer do êxito na tentativa do empreendimento especialmente difícil que é o descobrimento e aquisição do conhecimento.

No caso dos cursos EAD para surdos, eu me pergunto: Por que as interfaces não são montadas ao contrário do que se fez no curso Letras-LIBRAS, por exemplo, de modo que todo o conteúdo seja apresentado em língua de sinais, seja em vídeos ou em Sign Writing, e somente quando passássemos o mouse sobre os símbolos ou janelas aparecessem as palavras e textos em português? É uma proposta de mudança de paradigmas, sim, pois subverte a ordem preestabelecida de supremacia da língua portuguesa sobre a língua de sinais, mas acredito que este é, mais do que tudo, um desafio para os educadores e para os designers que montam estas interfaces, pois neste processo estão embutidos conceitos culturais e ideológicos muito mais fortes e difíceis de serem transpostos do que as simples dificuldades de tradução e escrita para a língua de sinais, haja vista o barateamento do custo de produção dos vídeos e, principalmente, as novas tecnologias para possibilitar a escrita em Sign Writing.

Está posta, portanto, uma provocação aos educadores e designers da atualidade que tem as ferramentas que os gabaritam a promover uma mudança real de resignificação da normalidade dentro das diferenças existentes na diversidade humana.

Só assim, acredito, daqui a duzentos ou trezentos anos, com a cultura surda devidamente registrada em sua própria língua, as pessoas poderão ter acesso a informações reais e confiáveis sobre os surdos que viviam no século XXI, sua organização social e os seus dramas pessoais, nos aspectos cognitivos, emoções e sentimentos.